

## AS ÁGUAS DE NAZARÉ: ANÁLISE PSICO-ANTROPOLÓGICA DA SIMBOLOGIA AFRO-RELIGIOSA PRESENTE NA FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ EM BELÉM DO PARÁ

Patrício Carneiro Araújo<sup>1</sup>  
Maria Célia P. Vergolino<sup>2</sup>  
Francisco Almeida de Lucena<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo consiste em uma análise psico-antropológica da simbologia afro-religiosa presente na festa do Círio de Nazaré em Belém do Pará. A intenção é apresentar uma breve etnografia da festa e proceder com uma análise psico-antropológica dos elementos afro-religiosos historicamente a ela incorporados. O ponto de partida desta análise é a vivência do Círio durante algumas décadas, por parte de uma das autoras, e uma incursão nas comemorações da 222ª versão do Círio, realizada no ano de 2014. Tal incursão nos rendeu um conjunto de observações e uma vivência capazes de subsidiarem o esboço de um breve ensaio sobre o encontro de diferentes tradições religiosas durante a festa daquela que é conhecida como “a Rainha da Amazônia”. A interlocução com um grupo de pessoas pertencentes a três gerações do Círio reforça os resultados da observação *in loco* ao mesmo tempo que fornece elementos para uma análise psicanalítica de alguns dos símbolos mais proeminentes do Círio, como é o caso da água, da corda e do êxtase. À análise sócio-antropológica da festa soma-se uma análise psicanalítica de outros elementos, como o culto ao feminino, a comensalidade e a interação-sociabilidade, presentes nas comemorações. Numa análise criteriosa do Círio é possível ainda perceber elementos muito comuns às religiões afrobrasileiras, como é o caso do sacrifício de animais, a sincretização religiosa entre Nossa Senhora de Nazaré e Oxum e a extrapolação do sagrado, facilmente percebida na dimensão lúdico-profana do Círio, cujas expressões máximas são o Arrastão do Pavulagem, o Auto do Círio e o “Baile da Chiquita”.

**Palavras-chave:** Círio de Nazaré, Festas religiosas, sincretismo, afrobrasileiros.

### *O Círio de Nazaré e os paraenses: raízes do Círio*

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, realizado anualmente no mês de outubro na cidade de Belém do Pará, constitui hoje uma das maiores festas religiosas do país, tendo sido inclusive registrada pelo IPHAN, no seu Livro de Registro das Celebrações, e recebido o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, além de ter sido promovida a patrimônio imaterial do Brasil. Muito já se foi escrito acerca dessa festa em diferentes perspectivas. Contudo, quando se procura referências acerca das relações entre os elementos afro-religiosos presentes na

1       Doutorando em Ciências Sociais – PUC/SP e Pesquisador/Bolsista da FAPESP.

2       Professora da UFPA e UEPA

3       Professor de Filosofia no IFPB com formação em psicanálise pela EBP – Seção Paraíba

mesma, percebe-se a carência de estudos sistemáticos que tenham se preocupado com essa dimensão do Círio. Este trabalho pretende ser uma proposta inicial de estudo nessa direção. Para ser mais sincero, este pequeno ensaio apenas quer ser uma proposta para estudos posteriores que se interessem em analisar os muitos aspectos dessa festa que ainda aguardam quem os estude e analise. Contudo, antes de aprofundarmos estes aspectos, cabe falar um pouco da história do Círio de Nazaré e sobre a forma como esta festa é vista pelos paraenses, a partir do que se percebe no discurso e comportamento dos belenenses.

Segundo a maioria dos historiadores, o Círio de Nazaré tem origens portuguesas e chegou ao Pará com os portugueses. É de Artur Viana (1904) a descrição que se refere àquele tido por muitos como o primeiro Círio de Belém, segundo ele, realizado em 08 de setembro de 1793 (Cf. Alves, 2005). Herança portuguesa, o Círio também obedecia a certos padrões já presentes nas festas de mesmo teor existentes na metrópole. Afinal, festas como estas já eram realizadas em Portugal desde o século XV, conforme Tinhorão atesta, ao se referir àqueles que para ele seriam os círios mais antigos de Portugal: o de Nossa Senhora da Atalaia e o de Nossa Senhora do Cabo (Tinhorão, 2012, p. 32).<sup>(1)</sup> E, de fato, como nos mostra Tinhorão, as festas religiosas católicas ibéricas influenciaram muito na configuração das festas católicas que viriam a se estabelecer no Brasil. No Norte do Brasil, essas festas trazidas da península ibérica - e principalmente aquelas trazidas de Portugal - podem ser percebidas até hoje de forma muito expressiva. O Círio de Nazaré é uma dessas festas que podem ser percebidas em grande parte da região norte sendo que no Pará ela encontra sua expressão máxima, assumindo na cidade de Belém (capital do estado do Pará) a forma de fato social total, na perspectiva de Marcel Mauss.<sup>(2)</sup> Contudo, justamente por sua abrangência, festas deste tipo tendem a extrapolar os limites do sagrado e do religioso, mesclando, a despeito das autoridades religiosas, o sagrado e o profano, o oficial e o oficioso o cristão e o não-cristão. Para além das origens comprovadamente pagãs de tais festas, esse fato social total assegura a união indissociável do verso e anverso da mesma moeda que constitui a vida cotidiana do povo, vida cotidiana esta que a festa dinamiza ao interferir na rotina imposta pela ordem estabelecida.

Nas palavras de Tinhorão, para as festas em Portugal, assim ele descreve esse imiscuir-se das duas realidades profana e sagrada: “Assim como a procissão do Corpo de Deus transformada de espetáculo festivo-devoto de ampla participação popular em mero pretexto de festa a ser desfrutada pela oportunidade de prazer profano (como o “meter conversa” para arranjar namoro), o velho espírito de comunhão religioso-pagã se refugiaria, no Círio fora da igreja, no evento paralelo dos círios e das romarias”. (2012, p. 32). É nesse sentido que as festas católicas

do mundo ibérico assumirão, progressivamente, um *locus* de convivência entre universos festivos diferentes, capaz de unir o que antes se imaginava inconciliável. No caso dos círios isso se tornará ainda mais visível conforme nos assegura Tinhorão: “Os círios e as romarias constituíram, historicamente, em Portugal, a contrapartida devoto-profana de um espírito pagão já devidamente incorporado pela Igreja a vários de seus ritos litúrgicos, e de forma muito clara revelado nas procissões”. (Tinhorão, 21012, p. 29). Como se vê, são muitas as relações entre as festas católicas nas suas formas portuguesas e brasileiras. Tanto pelas formas quanto pelos significados, os círios e procissões aqui existentes em muito devem àqueles antes realizados na metrópole. Contudo apontaremos apenas mais dois elementos que unem essas duas formas de festas: o mito de origem dessas festas e os desdobramentos da sua dicotomia (sagrado-profano).

Em se tratando dos círios e procissões relacionados com santuários marianos (cultos esses remotamente fundamentados no culto ao feminino de sociedades pré-cristãs) o mito-fundante do círio ou da romaria geralmente obedece à mesma estrutura. Devolvamos, novamente, a fala a Tinhorão, já que suas palavras são tão esclarecedoras ao explicar a hierofania que fundamenta as romarias:

De fato, como a maioria dos círios e romarias dirige-se a santuários que indicam a presença miraculosa da figura da Virgem Maria, mãe de Jesus, comumente representada por uma imagem encontrada em um lugar ermo, no alto do monte ou nas profundezas de algum bosque (quase sempre junto a uma árvore, um rio ou uma fonte), tudo isso aproxima a devoção dessas Nossas Senhoras ao culto da Magna Mater dos povos antigos. (Tinhorão, 2012, p. 30).

Assim foi nos dois casos estudados por Tinhorão (Nossa Senhora da Atalaia e do Cabo – Portugal) e também nos casos de Nossa Senhora de Lourdes – França -, Nossa Senhora da Salette – França -, Nossa Senhora de Fátima – Portugal -, e no Brasil, Nossa Senhora de Nazaré – Belém do Pará – Nossa Senhora Aparecida – Aparecida, São Paulo -, Nossa Senhora do Rocio – Paranaguá, Paraná, etc. Essa relação entre o culto de Maria e o culto da *Magna Mater*,<sup>(3)</sup> teria como fio que os perpassa o culto ao feminino que no Círio de Nazaré, em Belém do Pará, poderá ser observado através de vários símbolos presentes nesta festa, como é o caso do uso da água, da corda e da estreita relação entre “Nazica” e Oxum, como veremos melhor mais adiante.<sup>(4)</sup>

Essa dupla natureza dos círios (sagrado-profano, cristã-pagã), condicionada por suas origens, também se reflete na conduta das populações em relação à festa. Essa mesma ambigüidade também termina se revelando na dicotomia representada pelas diferentes formas de considerar o círio. A oficialidade da festa (aqui representada pela igreja católica que insiste em reivindicar a responsabilidade pelo gerenciamento da festa) que contrasta com a devoção; o

catolicismo oficial que tensiona com o popular; a programação religiosa que se fricciona com a parte profana (Arrastão do Pavulagem, Auto do Círio, Baile da Chiquita) são indícios dessa dupla natureza do Círio, presente já nas suas mais remotas raízes.

Para Tinhorão, nas festas de Portugal essa tensão entre o oficial e o popular vai se refletir através da expressão “A procissão é da Igreja, o círio é do povo” (Tinhorão, 2012, p. 29). No Círio de Nazaré em Belém, essa dicotomia pode ser vista, conforme palavras de Isidoro Alves (2005), na perspectiva das dimensões *devocional* e *informal* da festa. Assim Isidoro descreve esse terreno movediço entre o devocional e o informal no Círio:

Compreender as duas dimensões, devocional e informal, significa compreender o verdadeiro sentido da *Festa*, pois, ao conduzir a Santa padroeira, os devotos estabelecem com ela uma relação direta, não mediada pela hierarquia religiosa, situação essa, aliás, que, ao longo da história do Círio de Nazaré, foi sempre um ponto de tensão em razão da qual ocorreram as grandes questões do Círio (Alves, 1980, p. 94). A realização *popular* sempre se impôs como expressão de uma religiosidade que se impregnou de outros valores além dos religiosos *strictu senso*. (Alves, 2005, p. 317).

Contudo essa relação entre o devocional e o informal presente no Círio de Nazaré, constantemente toma a forma de tensão. E, durante as comemorações do Círio essa tensão encontra seu paroxismo na histórica e anualmente renovada “questão da corda”, momento em que, sem sucesso, a arquidiocese de Belém recomenda insistentemente que os devotos “não cortem a corda”, enquanto assiste, frustrada, ao trabalho das facas e navalhas dilacerando o gigante cordão umbilical que liga os devotos da corda à berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. Não seria essa insistência e desobediência da população que ignora os apelos do arcebispo e corta a corda, indícios de um psicanalítico desejo de desvencilhar-se da tutela da “mãe” (Igreja católica) ou mesmo a manifestação de uma ação capaz de tornar “menos sagrada” e mais humana a figura de Maria, assim como acontece quando em vez de “Nossa Senhora de Nazaré” eles a chamam de “Naza”, “Nazica” ou “Nazinha”? Que motivações psíquicas podem estar escondidas por trás do ato de “cortar a corda” à revelia das orientações da Igreja? Em geral, os paraenses costumam apresentar uma identificação muito grande e forte com o Círio de Nazaré e as diferentes manifestações religiosas, sociais e culturais envolvidas com essa festa. Grosso modo, nos parece que quanto mais tradicional a família, mais defensiva será do Círio. Apesar disso, essa identificação com o Círio, num primeiro olhar, parece transcender certas fronteiras de classe, de cor e de credo, sendo que é comum ver pessoas não católicas assumirem a defesa do Círio quando este é criticado por não-paraenses. Condutas desse tipo nos fazem acreditar que esta festa está fortemente intrincada com a cultura paraense de forma que, há muito ela deixou de ser uma

manifestação religiosa meramente católica e passou a compor parte da cultura paraense, ao ponto de possuir defensores nos ambientes extra-católicos e para-religiosos. Isso é bem interessante pois, como se pode ver claramente durante a realização da festa, o Círio possibilita uma vivência, mesmo que efêmera, da utopia do ecumenismo já que membros de diferentes religiões se envolvem com a realização da festa. Essa convivência pacífica e tolerante durante a festa suspende temporariamente as tensões entre as concorrentes do mercado religioso na cidade, ao ponto de o observador externo pensar por um momento que a diversidade religiosa ali se diferencia do resto do país no que se refere à convivência inter-religiosa.

O paraense, e de forma ainda mais acentuada o belenense, apresenta uma forte e quase bairrista identificação com o Círio de Nazaré. Entre eles pode-se mesmo perceber um interessante fenômeno que aponta para uma supervalorização dessa festa, em detrimento de um reposicionamento da importância de outra importante festa do calendário católico, o Natal. Não é à toa que entre os paraenses se usa uma expressão desconhecida em outras regiões do país quando se diz “Feliz Círio!”, como se ali antecipasse a expressão “Feliz Natal!”, largamente utilizada pelo resto do país alguns meses depois, ao celebrar o nascimento de Jesus.<sup>(5)</sup> Tudo isso revela como o Círio de Nazaré é sagrado para os paraenses e, caso algum desavisado cometa a imperdoável gafe de criticar o Círio, este terá que se submeter a variados rituais de penitência e purgação diante dos paraenses até ser novamente readmitido à vivência dessa festa e dos muitos rituais sociais que dele fazem parte. Por isso, entre paraenses é melhor que se respeite muito o Círio, sob pena de não ser admitido nos rituais sócio-culturais da vida cultural do Pará. Assim os paraenses vêem o Círio.

### ***222º Círio de Nazaré: “Ensina teu povo a rezar”***

Para a produção deste artigo, nos baseamos, em parte, nas observações feitas por nós durante a 222ª versão da festa do Círio de Nazaré em Belém do Pará. Naquela ocasião, para nós ficaram bem claros alguns aspectos da festa que nem sempre são facilmente percebidos. Um desses aspectos é justamente as intercessões entre elementos afro-religiosos e católicos durante esta festa. Isso chamou nossa atenção pois dificilmente se fala nesse aspecto do Círio de Nazaré no Brasil. Diferentemente do que acontece para Portugal, onde Tinhorão (2012) já havia analisado esse aspecto sob a feliz expressão de “Festa de negro em devoção de branco”, o Círio de Nazaré em Belém do Pará sempre é apresentado como uma festa genuinamente católica e, na maioria das vezes, associada às camadas sociais brancas e mais abastardas do Pará. Contudo esse último aspecto é apenas o que se sobressai. Se observarmos mais profundamente, poderemos ver

que, na base e no substrato do Círio, estão manifestações sócio-religiosas afrobrasileiras, como veremos melhor mais adiante.

É difícil obter estatísticas seguras acerca do número de pessoas que participam da festa do Círio em Belém. Até porque a festa se desenrola durante, pelo menos três semanas. Somente nos dias críticos da festa, a saber os dias 11 e 12 de outubro, cerca de dois milhões de pessoas, de diferentes regiões do Brasil e de outros países, acorrem às ruas de Belém (por cerca de 3,6 quilômetros) para participarem das partes oficial e extra-oficial da festa. Muitas procissões, por terra e por rio, tomam as paisagens de Belém e de cidades adjacentes. São pessoas que disputam os mínimos espaços para ao menos verem passar a imagem peregrina da Rainha da Amazônia, proclamada em 15 de dezembro de 1971, em decreto da Assembléia Legislativa do Pará (através da lei nº 4.371), como “Patrona do Estado do Pará”, tendo assim que receber do governo paraense, anualmente, honras de Estado.(6)

Na sua 222ª edição, realizada em 2014, o Círio novamente foi um sucesso. Como de praxe, a população da cidade estava inflacionada, sendo que devotos e turistas lotavam as ruas da cidade. Milhões de pessoas eram aguardadas para o evento. A cidade inteira se envolveu na festa, incluindo membros de outras religiões, como os evangélicos e o povo ligado a terreiros de candomblé, umbanda e encantaria. O lema da festa “Ensina teu povo a rezar”, parecia advertir a católicos e não católicos que Nossa Senhora de Nazaré ainda podia ser considerada uma mestra, já que o volume de pessoas nas procissões pelas ruas de Belém não necessariamente revelava uma vivência religiosa sincera e profunda. Este lema, ao suplicar à Nossa Senhora de Nazaré que ensinasse o povo a rezar, revelava discretamente que a população que ali a seguia ou não havia aprendido a lição ou há muito havia se afastado do seu conteúdo, já que se fazia necessário reaprender a rezar.

Tal lema, para nós, antropólogos infiltrados entre os fiéis, parecia nos dizer que o crescimento do Círio e a exacerbação do sagrado percebido nele, caminhavam para uma extrapolação do sagrado ao ponto de a festa tornar-se um evento de massa mais social do que religioso, se é que é possível propor alguma espécie de dissociação entre o social e o religioso.(7) E pelas ruas da cidade ecoava o apelo quase desesperado da Igreja Institucional: “Ensina teu povo a rezar”. Este apelo revelava que a quantidade de pessoas no Círio não condizia com a qualidade da vivência proposta pela igreja para os seus seguidores. Por isso, a versão da festa naquele ano se encaminhava no sentido de resgatar a qualidade dos católicos naquela cidade. Essa “perda de qualidade” que a Igreja tentava tanto resgatar, para nós se colocava como o resultado

de um processo social e cultural que se materializava em algumas manifestações da festa, manifestações essas que analisaremos a partir de agora.

Nossa intenção aqui não é fazer uma etnografia profunda da festa, haja vista que essa tarefa já foi realizada com sucesso por experimentados pesquisadores, incluindo aqueles que elaboraram o dossiê do Círio para o IPHAN. Por isso, nos limitaremos a analisar, na perspectiva da Sociologia, da Antropologia e da Psicanálise, apenas alguns dos aspectos da festa, como já adiantamos no resumo. Passemos então para a imediata análise destes elementos.

### ***O Culto ao feminino na festa do Círio de Nazaré***

O culto a Nossa Senhora de Nazaré deu a Belém do Pará uma face de cidade feminina. O imaginário cristão-católico ligado à cidade de Belém da Judéia, assim como o simbolismo da feminilidade e maternidade ligados à narrativa cristã do advento e do natal do Messias encontrou solo fértil em Belém. Porém, diferentemente do que aconteceu em Belém da Judéia onde a figura do messias se impôs como principal símbolo (haja vista as constantes peregrinações ao local do nascimento de Jesus, a Basílica da Natividade) e em Natal, capital do Rio Grande do Norte, Brasil, onde o imaginário que se impôs foi o dos Reis Magos, em Belém do Pará, Maria, a Mãe de Jesus, reina soberana e imprime à cidade a marca da sua influência. Um bom exemplo disso é a desproporção entre às peregrinações à basílica onde encontra-se a imagem original da padroeira e à catedral de Belém. Enquanto a basílica está sempre cheia de peregrinos, a imponente catedral, na Nova Lusitânia, encontra-se sempre carente de público, apresentando um número considerável de fiéis apenas nas missas solenes ou dominicais onde o arcebispo pontifica. É como se dois modelos de eclesiologia se dividissem entre a basílica: mais popular e mariana/materno/feminina e a catedral: institucional e petrina/paterna/masculina. O fato é que Nossa Senhora de Nazaré caiu nas graças do povo de Belém e sendo assim ela mesma tem gozado dos mimos reservados por seus fiéis. A identificação entre o povo e essa senhora é tão íntima que é comum as pessoas se referirem a ela com apelidos carinhosos e pouco formais, revelando assim um interessante processo de humanização da santa. “Nazica”, “Naza”, “Nazinha”, são apenas alguns dos apelidos dados pelo povo à Mãe de Jesus em Belém do Pará. A propósito, a música “Naza – Zouk da Naza”, de Juca Chaves,<sup>(8)</sup> é uma das composições mais conhecidas por belenenses e turistas em Belém, correspondendo, sem sombra de dúvidas ao “Nessa cidade todo mundo é d’Oxum” (Jerônimo) para Salvador. Essa agradável canção, em ritmo paraense-caribenho, é a mais ouvida e cantada no Pará, inclusive durante o Círio no percurso das procissões. Os diferentes ritmos e melodias nos quais essa música é cantada se

assemelha às diferentes formas assumidas pela imagem de Nossa Senhora de Nazaré, revelando assim a multifacetada forma do culto a esta matriarca do Pará.

Além da intimidade revelada no tratamento dispensado pelos fiéis à Nossa Senhora de Nazaré, sua igreja-basílica é um verdadeiro monumento de culto ao feminino. A despeito da versão paraense de que a igreja é uma réplica da basílica de São Pedro em Roma (fato que poderia associá-la a uma dimensão petrina e, portanto, masculino-patriarcal), a atmosfera predominante ali é a do culto ao feminino. A própria iconografia que embeleza o interior da Basílica exalta o feminino. Já na entrada pode-se perceber, à esquerda de quem entra, um mosaico com quatro mártires entre elas Santa Luzia, Santa Filomena e outras. Se na porta de entrada, de frente para o altar, o visitante levantar totalmente a cabeça, verá nos frisos laterais superiores da basílica mais uma exaltação ao feminino, representado por ícones referentes a episódios da vida de algumas mulheres do antigo testamento como Rute, Raquel, Ester, Sara, Débora, etc.

No altar-mor, em tamanho maior que o do Cristo, encontra-se o Glória que contém a imagem original da Santa, ladeado por dois grandes anjos em atitude de reverência à Mãe de Deus. Além dessas imagens, muitas outras estão distribuídas pela basílica, fazendo dela um templo ao feminino em pleno coração da cidade. E esse culto ao feminino extrapola as paredes do templo e se espalha por toda a cidade e pela vida do povo de Belém e do Pará. Para o povo ligado às religiões afro-amazônicas, esse culto ao feminino proporcionado por Naza, encontra ambiente mais do que propício ao juntar-se ao culto às iaras, aos orixás femininos (como Oxum, Iemanjá e Nanã), às princesas da Turquia, às Pomba-Giras e a tantos outros femininos louvados nos inúmeros terreiros espalhados pelas cidades, florestas e rios. É por isso que suspeitamos da existência de um contínuo que permeia esse culto ao feminino na Amazônia, do qual o culto a Nossa Senhora de Nazaré muito tem se beneficiado, não obstante não dê os créditos merecidos àqueles que lhes emprestaram a base do que daria a seu culto tanta visibilidade. Considerando a existência real desse contínuo, poderíamos dizer que o culto a Nossa Senhora de Nazaré no Pará, também é tributário do culto à *Magna Mater*, como o é seu culto em Portugal.



Peregrino carrega pote de Oxum durante o Círio de Nazaré. Foto: Thiago Moreira Melo. 12/10/2014.

### ***A água, a corda e o êxtase***

Três elementos fundamentais do Círio também merecem atenção nessa análise: a água, a corda e o êxtase. A corda, que segundo a tradição teria sido introduzida nas comemorações do círio em 1835, é sem dúvidas um dos seus principais símbolos. Não é à toa que o Dossiê do IPHAN, por ocasião do processo de tombamento do Círio, adota a corda como símbolo proeminente dessa festa, ocupando suas primeiras páginas. Sabe-se também que *a questão da corda* se constituiu como uma das principais querelas na história do Círio (Dossiê IPHAN, Círio de Nazaré, 2004, p. 24). Fugindo um pouco do que tem sido feito amiúde, queremos aqui analisar a corda em outra perspectiva, associando-a ao uso da água e à produção do êxtase.

Conforme Van Gennep já afirmou no seu clássico estudo “Os ritos de passagem” (1978, p. 114), o ato de “amarrar” ou “desamarrar”, “atar” ou “desatar”, “unir” ou “cortar”, assim como os instrumentos que possibilitam esses atos – entre eles a corda – possuem um significado muito denso nos contextos rituais das mais diferentes culturas. Sendo assim, o ato de amarrar remete à ligação, assim como o ato de desamarrar ou cortar podem ser entendidos como alusões a rupturas, separações e liberação. Nesse sentido, é curioso observar como no Círio de Nazaré a semântica da união e da ruptura se concentram em torno da corda. Essa sucessão entre ligações e rupturas na história da corda do Círio, nos remete, inclusive, aos movimentos de tensão entre o sagrado e o profano, evidenciados na relação devotos-padroeira e devotos-devotos. Por outro lado, o pouco contato dos devotos com a imagem da padroeira e o intenso contato corporal entre os devotos, na tensão da corda, parece apontar na direção da extrapolação do sagrado já que, com o tempo, a corda foi se desligando da berlinda e assumindo maior autonomia. Um

acontecimento durante o Círio de 1999 teve grande significado simbólico, para se entender o sentido dessas rupturas. Assim o Dossiê do IPHAN descreve esse fato:

No círio de 1999, em função da lentidão da procissão, promesseiros da frente da *corda* e diretores encarregados da segurança da romaria decidiram baixar a *corda* para que a *berlinda* pudesse sair e continuar o seu trajeto. Na Avenida Presidente Vargas, a *berlinda* foi desatrelada. A notícia espalhou-se rapidamente entre os devotos que decidiram não abandonar a *corda* e, seguros nela, seguiram atrás da *berlinda*. Quando a corda chegou à Praça Santuário, em frente à Basílica de Nazaré, restavam poucos devotos no local, uma vez que a missa já havia terminado duas horas antes, o que redundou em muitas críticas à organização e à própria Igreja. (Dossiê do IPHAN, 2012, p. 32).

É como se a coragem de promover a ruptura (decisão de se manterem na corda, não obstante o desatrelamento da berlinda) contrastasse com a insatisfação resultante dela (críticas à organização e à Igreja). União e ruptura, dependência e autonomia, amarrar e separar... Dicotomias que falam de uma oscilação que envolve o sentimento religioso dos devotos e que nos remetem a motivações psicanalíticas profundas.

Qualquer peregrino ou visitante que presencia a festa do Círio percebe a grande importância assumida pela corda. Apesar de hoje ela se encontrar ligada à berlinda mais simbólica do que fisicamente, não será exagero afirmar que a corda, em certa medida, disputa com a berlinda – senão com a imagem da padroeira – a atenção dos devotos. Durante o Círio de 2014, por exemplo, podemos observar na Praça Santuário, a concentração dos devotos que, enquanto a missa era celebrada no Colégio Gentil Bittencourt, se concentravam sentados no asfalto aguardando a tão anunciada e esperada “saída da corda”. Da mesma forma, no dia 12 de outubro, os mesmos devotos, abdicando da missa na sé, aguardavam, sentados no asfalto do Boulevard Castilho França, a saída da mesma corda.

Em se tratando de densidade de pessoas, a corda é o principal foco em torno do qual se concentra o maior número de pessoas por metro quadrado, perdendo apenas para o entorno da berlinda. Espremidos uns sobre os outros, os devotos e promesseiros da corda sofrem, literalmente no corpo, os efeitos de estarem ali. Segundo depoimentos de pessoas que por mais de uma década estiveram na corda, é impossível sair de lá sem ao menos alguns machucados. Além disso, em função das altas temperaturas locais, o calor na corda e num raio de aproximadamente três metros do seu entorno, torna-se insuportável, exigindo que as pessoas que não estão na corda permaneçam durante todo o trajeto do Círio lançando continuamente água fria sobre aqueles que estão na corda a fim de tornar a temperatura ali suportável e evitar queimaduras mais graves do que as que inevitavelmente se produzem. Perguntamo-nos então: para além do sentimento religioso, o que provocaria tanta fascinação nos devotos da corda?

Considerando essas condições de estresse ambiental, é de se imaginar a estafa física e psicológica que se abate sobre os devotos da corda. Cria-se então, no entorno dela, uma situação de pressão física, psicológica e mística que atinge seu ápice na produção de uma espécie bem peculiar de êxtase. Uma das cenas mais comuns durante o Círio, por exemplo, é ver a Cruz Vermelha, formada por um gigantesco exército de voluntários, carregando apressadamente por entre a multidão, pessoas desmaiadas. Algumas em total estado de esgotamento físico e, em alguns casos, até de inconsciência. A relação de ligação mística entre os devotos e Nossa Senhora de Nazaré (A Grande Mãe dos paraenses, Rainha da Amazônia, Oxum dos cultos afro-amazônicos, Rainha das Florestas do Norte...), através da corda, representada pelo simbolismo desse “cordão umbilical” que agrega os devotos nos caminhos do Círio, combinadas aos demais elementos da festa, parecem compor o cenário perfeito e as condições adequadas para a produção de um êxtase místico passível de análise mais profunda tanto das Ciências Sociais quanto da Psicanálise. E aqui convém novamente considerar o papel da água nessa relação tão complexa entre símbolos tão ricos em significados.

Ao final da última procissão, tem lugar o ritual de cortar a corda. Momento de grande tensão, disputas e negociações, esse ritual que anualmente acontece à revelia das admoestações da Igreja, nos parece um dos mais simbólicos do Círio. Aqui, entram em ação as navalhas, facas e punhais, discretamente escondidos pelos devotos da corda durante toda a procissão. Novamente devemos recorrer a Van Gennep para tentarmos entender o que estaria por trás do incontrolável desejo de cortar a corda que durante a procissão ligara os devotos à berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. Se considerarmos o ato de cortar como um daqueles momentos caracterizados por Gennep como momento de liminaridade entre o estado de *separação* e o de *agregação*, teremos um quadro que caracterizaria a separação entre o sagrado (procissão) e o profano (*almoço do círio* - repasto familiar e comunitário), momento reservado à comensalidade e que passaremos agora a apresentar.

### ***Interação e comensalidade: a matança dos patos***

Outro elemento do Círio que mereceria uma análise mais sistemática e que, para nós, guarda certa relação com o universo religioso afrobrasileiro é o repasto comum, tradicionalmente chamado de “Almoço do Círio”. A relevância dessa refeição é tão grande no contexto do Círio que o já citado Dossiê do IPHAN lhe reservou três belas páginas intitulando-as de “O Almoço do círio: o natal dos paraenses” (Dossiê IPHAN, Círio de Nazaré, 2004, p. 53-55). Deixemos, porém, que Isidoro Alves nos atualize acerca da natureza e forma desse almoço:



Momento em que voluntários da Cruz Vermelha carregam uma jovem em estado de estafa e inconsciência provocado pelas condições estressantes da corda. Seria esse estado uma espécie de êxtase?

Foto: Thiago Moreira Melo. 12/10/2014.



Idem. Foto: Thiago Moreira Melo. 12/10/2014.



Negociações e tensões em torno do ato-ritual de cortar a corda.

Foto: Thiago Moreira Melo. 12/10/2014.



Idem. Notar a faca na parte inferior esquerda da foto.

Foto: Thiago Moreira Melo. 12/10/2014.

O tempo extraordinário da festa é propício à comensalidade e aos eventos que celebram o grupo familiar e comunitário. Eis porque o *almoço do círio* está intrinsecamente ligado à Festa do Círio e expressa em outro plano, esse tempo especial vivenciado pelos paraenses. Finda a procissão, as pessoas vão para casa para participar com familiares e amigos de um almoço especial feito, preferencialmente, de pratos regionais. O término da procissão permite aos que acompanham um intenso momento de informalidade e relaxamento. O almoço

reproduz a experiência vivida pelos participantes na procissão: ao reunir o grupo familiar, o indivíduo insere-se no grupo social restrito, ligado por laços formais de parentesco e amizade. No almoço, as regras de etiqueta, formais, sacralizadas, dão lugar, paulatinamente às atitudes descontraídas e informais, onde há lugar, inclusive, para a jocosidade. Os laços comunitários são festejados e um sentimento de pertencimento aflora, exatamente como no contexto geral do Círio. (Alves, 2012, p. 325).

Ora, caso não estivéssemos falando do Círio, seríamos mesmo capazes de confundir essa descrição com o *ajeum* dos candomblés, já que nas religiões afrobrasileiras esse repasto comum também se segue à parte religiosa das festas. Também lá, a refeição suspende as etiquetas da liturgia sagrada, substituindo-as por outras que servem de mediação para a interação social, reforçando assim os laços sociais, familiares e de amizades através da suspensão temporária da formalidade do ato religioso que durante a refeição é substituída pela leveza característica de um momento de descontração. Contudo, no que diz respeito ao Almoço do Círio, queremos aqui apenas apresentar alguns aspectos que o precedem e que não aparecem no momento público desse compromisso.

Assim como nos terreiros o momento do *orô* (sacrifício ritual dos animais que fornecem a carne para o repasto comum - *ajeum*) está reservado apenas a um grupo restrito, o Almoço do Círio também é precedido por uma ritualidade doméstica que cerca a matança dos patos sacrificados em nome do sucesso deste mesmo almoço. Considerando que a maniçoba e o pato ao tucupí constituem os principais pratos da culinária paraense - e por extensão do almoço do Círio - perguntamo-nos então: quais são as circunstâncias que caracterizam a matança dos patos? Quais os mistérios e segredos que estariam relacionados com a produção da maniçoba? Como seria o Círio sem esses dois pratos regionais que condensam tão bem o espírito do Círio e da sociabilidade ensejada por ele? E, por fim, a quem são sacrificados os milhares de patos que movimentam a economia da cidade e que agitam o mercado do Ver-o-Peso durante os meses e semanas que antecedem as festividades do Círio?

### ***Nazaré é Oxum?***

Para grande parte dos católicos paraenses mais ortodoxos, afirmar que Nazaré é Oxum pode soar como uma agressão ou mesmo um crime. Contudo, a sincretização entre as duas só revela o caráter dinâmico das tradições religiosas. Quando desenvolveu suas pesquisas sobre o sincretismo na Casa das Minas, Sérgio Ferretti também tinha consciência de que para alguns religiosos e pesquisadores a idéia da existência de sincretismos naquela casa poderia não soar agradável. Contudo, ao prefaciar *Repensando o sincretismo*, o sociólogo Reginaldo Prandi chega a afirmar: “Eu diria, junto com Ferretti, que os voduns do maranhão são católicos” (Prandi, Apud

Ferretti, 1995, p. 10). Ora, o próprio Ferretti, ao expor sua principal hipótese naquela pesquisa explicara essa relação entre a tradição e o sincretismo na Casa das Minas, sem que houvesse prejuízo para a tradição:

Nossa hipótese é a de que a presença do sincretismo não descaracteriza a tradicionalidade da religião, pois, além de a tradição ser dinâmica, os “sincretismos” se fazem com base em elementos constitutivos preexistentes, de acordo com o contexto histórico. (Ferretti, 1995, p. 22).

Para nós, o mesmo raciocínio pode se aplicar ao Círio e à sincretização entre Nazaré e Oxum. A propósito, em conversas com pessoas ligadas às religiões afro-amazônicas de Belém, podemos confirmar que para elas Nossa Senhora de Nazaré é Oxum. De fato, durante o período de realização do 222º Círio conversamos com pessoas ligadas a essas religiões a fim de saber acerca da sincretização entre Oxum e os orixás. Nossa intenção inicial era entender o processo de sincretização de Nazaré, já que pelo mito fundante do Círio a imagem a ligaria a Nanã, uma vez que ela foi encontrada em meio à lama. Por outro lado, ao ser considerada a grande matriarca do Pará, seu culto entre os afro-religiosos também admitiria sincretização com Iemanjá. Fomos então interrogar as velhas vendedoras das lojas de artigos afro-religiosos da cidade velha e do entorno do Ver-o-Peso. Segundo essas velhas senhoras não deve haver dúvidas: Nossa Senhora de Nazaré é Oxum. E assim ela deve ser cultuada. Na pergunta de uma delas: “Por acaso vocês não viram as cores do Círio, amarela e branca? As mesmas cores de Oxum?” Para aquela senhora não vinha ao caso as cores se referirem à bandeira do Estado do Vaticano.

Naturalmente, aqui caberia uma pesquisa mais acurada nos terreiros do Pará a fim de analisar com mais profundidade essa relação. Uma boa pista seria observar se nos rituais privados de Oxum as comidas servidas no almoço do círio também são oferecidas a este orixá. Por outro lado, se o pato do banquete do Círio for oferecido a Oxum nos terreiros, teremos outro problema, já que na pirâmide sacrificial dos candomblés este animal é votivo de Iemanjá. Uma observação da presença de Nossa Senhora de Nazaré nos terreiros, assim como a forma de culto a ela e a Oxum entre as populações dessas religiões, também seria uma boa forma de entender as possíveis relações entre a simbologia afro-religiosa que aparece no Círio e os processos mais complexos de sincretização entre esses diferentes universos religiosos.

Outros elementos que poderiam ser aqui analisados apontam para uma extrapolação do sagrado durante o Círio, apesar de hoje dificilmente se conceber um Círio sem esses mesmo elementos. Entre eles estão: *o Arrastão do Pavulagem* e *o Baile da Chiquita*. Contudo, sem diminuir a importância dessa análise, os deixaremos para um trabalho futuro, a fim de passarmos ao esboço de uma análise psicanalítica possível dos elementos arrolados acima.

### ***Considerações psicanalíticas do fenômeno***

A relação entre psicanálise e religião tem sido, historicamente, marcada por um certo grau de intolerância recíproca. Tal animosidade se justificaria por suas distâncias ou pelas aproximações? A correspondência entre Freud e o pastor Oskar Pfister tem sido bastante explorada nos últimos tempos por parte dos que tentam encurtar as distâncias entre a religião e a psicanálise. Em uma carta a Freud, datada de 10 de setembro de 1926, o pastor Pfister reclama:

Entristece-me o fato de que os teólogos permaneçam tão lamentavelmente atrasados. Venho trabalhando há dezoito anos. Os pedagogos acataram muitas coisas e, de todos os lados, percebo que a psicanálise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses. Os teólogos detiveram-se demasiado numa disputa tola de princípios, em vez de se ocuparem com o bem-estar psíquico do laicato - e do seu próprio. (Apud, Morano, 2008, p.82).

Em outras partes de sua correspondência, que não nos cabe aqui analisar, Pfister argumenta em favor das semelhanças entre o clérigo e o psicanalista na atividade de cuidar de suas almas. O tema do cuidado é bastante controverso na psicanálise, porém, não parece haver divergência quanto à ocupação de ambos os personagens, clérigo e psicanalistas, com a subjetividade de quem os procura. No que tange à *práxis* da psicanálise e da religião é mais explícita a diferença entre ambas. Portanto, ao se lançar um olhar da psicanálise sobre o fenômeno religioso do Círio de Nazaré há que resguardar as idiossincrasias de cada uma. Não obstante, é possível identificar elementos que compõem o eixo reflexivo e analítico da psicanálise.

As grandes concentrações religiosas cumprem o papel de dar vazão ao desejo reprimido. Trata-se de uma alternativa para dar destino às pulsões que se fazem presentes no sujeito religioso e que, sob a proteção e o anonimato da multidão, cumprem um ritual de catarse coletiva e apaziguamento momentâneo das tensões pulsionais. Dessa forma, trata-se de um investimento libidinal de um objeto (ou de vários) revestido de um poder de gozo.

No Círio, a imagem da Virgem, a corda, a cruz, a água, o suor, o forte contato corporal, a comida, são expressões abundantes de uma manifestação libidinal, protegida pelo sagrado. Portanto, uma manifestação purificada pela bênção religiosa de um modo de gozo. O apelo ao corpo, à sede das pulsões, estabelece uma alternativa para produzir e elaborar uma sublimação eficaz daquilo que encontra-se barrado pela castração moral do discurso religioso oficial. É a própria igreja, que opera a castração pela via do discurso moralizante, quem oferece aos seus filhos um espetáculo de usufruto do gozo barrado.

A recusa em obedecer à interdição da corda, à qual se agarram perigosamente, por parte de muitos fiéis é profundamente simbólica e revela que o discurso de castração não se encontra universalizado no evento. A corda é um objeto fálico. Agarrar-se a ela dá a sensação de estar mais vinculado à força que emana da mãe; cortá-la é o gesto mais forte de uma castração operada por quem se sente castrado. É um tipo de vingança dos filhos, na festa da mãe, para com o discurso paterno moralizante.(9)

O transbordo emocional de grande parte dos caminheiros expresso nas lágrimas, nos gestos e no desfalecimento, aponta para uma identificação radical. Uma projeção do desejo endereçado ao objeto sagrado, de modo especial, à imagem da mãe que encarna em si a esperança e a assistência benevolente aos filhos(10) e, ao mesmo tempo, carrega sobre si o jugo de ter experimentado a dor da morte do próprio filho, condenado à cruz quando fez somente o bem.

Na procissão misturam-se os que apresentam suas demandas e os que agradecem por dádivas atribuídas à mãe. Trata-se de uma manifestação sintomática coletiva, uma elaboração psíquica com um grande poder de sublimação pulsional. Uma experiência simbólica de aproximação do grande-outro sagrado que se deixa carregar por aqueles que são súditos de um discurso a ele atribuído. Uma parceria bicentenária que se consolida como experiência de massa e atrai sobre si os olhares das mais diversas áreas do conhecimento, ávidas por compreenderem os diversos e complexos elementos presentes no Círio de Nazaré. Quanto aos que vivem anualmente tal experiência, pouco importa o que pensamos. Preparam-se antecipadamente e esperam ansiosamente, todos os anos, para este grande acontecimento de “fé”.

Notas:

1. Ao longo deste trabalho a maioria das referências acerca dos Círios em Portugal serão extraídas dos estudos deste historiador, principalmente de ***Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro do Círio***. (Tinhorão, 2012).
2. De acordo com Marcel Mauss, deve-se entender como “Fato social total” aqueles fenômenos através dos quais: “(...) *exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam*”. (Mauss, 2003, p. 187). Por abranger todos esses aspectos da sociedade belenense, e talvez paraense, é que acreditamos ser o Círio de Nazaré um claro exemplo de fato social total.
3. Mãe primitiva dos deuses e da natureza.
4. Ainda sobre essa relação entre o culto à Maria e o culto pagão ao feminino Tinhorão afirma: “*Se tais indícios da continuidade de uma antiga forma de religiosidade marcaram o surgimento do culto às Senhoras da Atalaia e do Cabo, no século XV, a realidade das romagens pelos cinco séculos seguintes só viria confirmar essa herança pagã, mal oculta por trás da aparência de devoção de fé católica daquilo que se chamaria de círios*”. (Tinhorão, 2012, p. 35).
5. Ainda sobre esse cumprimento ritual comum entre os paraenses, veja Isidoro, 2005, p. 317, onde, entre outras coisas, ele diz que: “*O cumprimento ritual atualiza a passagem de um ciclo a outro, revela os desejos comunitários e o sentimento de pertencimento e a renovação de relações socialmente estabelecidas*”.

6. Assim diz o texto da referida Lei: “*ASSEMBLEIA LEGISLATIVA – ASSESSORIA TÉCNICA. LEI Nº 4.371, DE 15, DE DEZEMBRO DE 1971. Proclama Nossa Senhora de Nazaré Patrona do Estado do Pará e dá outras providências. A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ promulga e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º – Fica proclamada PATRONA DO ESTADO DO PARÁ NOSSA SENHORA DE NAZARÉ. Parágrafo Único – O Governo do Estado do Pará prestará, anualmente, as honras de Estado à padroeira dos paraenses. Art. 2º – A presente Lei poderá ser regulamentada pelo Governador do Estado. Art. 3º – Esta Lei tem sua vigência a partir do dia 10 de outubro do corrente ano. Palácio do Governo do Estado do Pará, 15 de dezembro de 1971. FERNANDO JOSÉ DE LEÃO GUILHON, Governador do Estado. Georgenor de Souza Franco, Secretário de Estado de Governo.*”
7. No que se refere à estreita relação entre o social e o religioso, Émile Durkheim afirmou no seu clássico estudo *As formas elementares da vida religiosa*: “*Pode-se, portanto dizer, em resumo, que quase todas as grandes instituições sociais nasceram da religião. Ora, para que os principais aspectos da vida coletiva tenham começado por ser apenas aspectos diversos da vida religiosa, é preciso evidentemente que a vida religiosa seja a forma eminente e como que uma expressão resumida da vida coletiva inteira. Se a religião engendrou tudo que há de essencial na sociedade, é que a idéia da sociedade é a alma da religião.*” (1996, p. 462).
8. Assim é a letra do *Zouk da Naza*, que, com o tempo, tornou-se quase um hino de Belém: “*Nazaré chegou por qui. Já era santa / E aqui já era aqui. No mesmo lugar / Se acorrou pra beber água. A chuva caiu resolveu ficar. / Tirou palha, envira, cipó, galinbo de pau / Fez uma casinba arrumou / Cozinha e quintal, assou peixe, fez avuado, / Tirou açai sem nada magoar. Naza, nazarezinha, nazaré rainha, / Nazaré, mãe da terra, / Mãezinha me ajuda a cuidar.*” (Juca Chaves).
9. A mitologia já nos brindou com o relato da castração de Urano por seu filho *Cronos*, com a anuência e colaboração de sua mãe *Gaia*.
10. “A mãe que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade, podemos dizer” (FREUD, 1996, p.32).

### Bibliografia

- ALVES, Isidoro. *A Festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré*. Revista Estudos Avançados, nº 54. Dossiê Amazônia Brasileira II. USP. São Paulo: IEA, 2005, p. 315-332.
- AMARAL, Rita. *Xirê! O modo de crer e de viver no candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2005.
- BRASIL/IPHAN. *Dossiê IPHAN I: Círio de Nazaré*. Brasília, 2014.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luis: FAPEMA, 1995.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: 1996. Coleção Standard Brasileira das Obras completas de Freud. Vol. XXI.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Vozes, Petrópolis, 1978.
- LEWIS, Ioan M. *Êxtase religioso. Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. Tradução: José Rubens Siqueira de Madureira. Coleção debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MORANO, Carlos Dominguez. *Psicanálise e religião: um diálogo interminável* – Sigmund Freud e Oskar Pfister. São Paulo: Loyla, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.